

O FAIAL

E A PERIFERIA AÇORIANA NOS SÉCULOS XV A XX

ATAS DO VIII COLÓQUIO

SEPARATA

José Luís Brandão da Luz

**Gustavo de Fraga (1922-2003). Poeta na
juventude e no final da vida**

Gustavo de Fraga (1922-2003)

Poeta na juventude e no final da vida

por José Luís Brandão da Luz*

O longo e fecundo percurso de Gustavo de Fraga no domínio da filosofia tem nos seus extremos, a montante e a jusante, o cultivo entusiástico da poesia: na juventude, aos 20 anos, publicou um pequeno livro de poemas *Hora de Rondas* (1943) e, na mesma altura, três sonetos e quadras, em *Miscelânea de Prosa e Verso*, edição de Carlos Tomé; em 2001 e inícios de 2003, «no horizonte dos oitenta anos», duas coletâneas de poemas intituladas *Balada para Joana Margarida* e *Rogai por Nós, Pecadores*, que apenas circularam por entre familiares e amigos. Evocando o primeiro centenário do nascimento do professor, filósofo e poeta, interrogamo-nos sobre as razões que o teriam levado a regressar à poesia neste último período da vida, após uma longa carreira universitária de relevante produção filosófica. A questão ganha relevo se atendermos a que o espaço reservado pela filosofia à argumentação discursiva não se deixa invadir, em regra, pelas emoções poéticas, e foi mesmo a opção pela filosofia a provocar a «morte do poeta», conforme o autor deixou dito na introdução a *Rogai por Nós*.

Gustavo de Fraga nasceu na Fajãzinha, Ilha das Flores, e viveu em S. Miguel, realizando os primeiros estudos em Vila Franca do Campo e frequentando depois, em Ponta Delgada, o então Liceu Central de Antero de Quental e o curso do Magistério Primário. Radicou-se de seguida em Lisboa para fazer estudos na universidade, onde se licenciou em Ciências Históricas e Filosóficas e trabalhou como jornalista. Foi alguns anos leitor de português em Bona e, mais tarde, como bolseiro, realizou investigação para o doutoramento nas universidades de Paris, Friburgo e Lovaina, submetendo-se a provas de doutoramento, na Universidade de Coimbra, em 1967, com uma tese intitulada *De Husserl a Heidegger. Elementos para uma Problemática da Fenomenologia*. Fez carreira de professor universitário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo sido nomeado professor catedrático em 1981, quando se encontrava na Universidade dos Açores, onde esteve em comissão de serviço, de 1976 até à sua aposentação, em 1990.

* Universidade dos Açores, Centro de Estudos Humanísticos

Na Universidade dos Açores, formou várias gerações de estudantes, exerceu as funções de vogal da comissão instaladora e do conselho administrativo, foi vice-reitor, presidente do conselho científico e diretor do então Departamento de Formação de Professores, para além de manter a atividade docente, que sempre assegurou com o exercício dos diversos cargos.

O extenso intervalo de cerca de sessenta anos de «abandono da expressão literária poética» foi interrompido, conforme esclarece na introdução da *Balada*, com o pretexto de responder às cartas de sua neta Joana Margarida, que de Coimbra lhe escrevia em verso e o incitou, assim, a retomar a poesia. Todavia, para além do que esta circunstância certamente pôde ditar, bem perceptível no poema que faz a abertura da *Balada*, facilmente reconhecemos também que o reacender da inspiração e o gosto por esta nobre forma de expressão literária ultrapassaram em muito a simples aquiescência à afetuosa intimação inicial, e permitiram despertar o poeta adormecido, que se deixou seduzir por diversos temas, de que destacamos: a exploração satírica de situações que recordava com bem-humorada cumplicidade; a exaltação lírica do amor e da natureza e, finalmente, o debate existencial de múltiplas vivências, em que a temática religiosa se tornou preponderante.

1. Um dos poemas da *Balada*, “*Cornutus* ou os cornos de Eubúlides”, revive de forma picaresca as tropelias das praxes académicas coimbrãs que, nesse caso, consentiam em misturar as suas arrojadas irreverências com a erudição desconcertante que provinha das franjas mais periféricas do ensino da lógica formal que os cursos universitários ministravam. Os veteranos da academia renderam-se ao inusitado de um dos sofismas inventados na Antiguidade e atribuídos a Eubúlides que, como os demais do género, lançavam as pessoas num circuito de embaraços e constrangimentos, de tal modo que, na prática, a forma mais simples de se libertarem deles era seguir o conselho de Hegel, ou seja, virar-lhes as costas, em lugar de procurar contestá-los. Todos, em geral, se apercebiam do carácter vicioso desses raciocínios, mas dificilmente identificavam o erro em que laboravam, vendo-se arrastados pela corrente de ambiguidades semânticas dos termos e coagidos pela sequência de implicações das respetivas proposições.

O poema toma por tema o seguinte sorites: «Tu tens o que não perdeste; ora, não perdeste os cornos; logo, tens cornos», o que deixava desapontado o interlocutor, posto a ridículo pelo apertado encadeamento das premissas do silogismo. Glosando este enunciado, que é tomado como epígrafe, o poeta presta homenagem ao desassombro da criatividade dos praxistas e, acima de tudo, à sua capacidade de porem a desfilar pelas ruas da Lusa Atenas todos os caloiros com a cabeça enfeitada com um par de cornos. Da encenação do cortejo fazia parte confrontar os indefesos iniciados com a pergunta, dirigida em público, em

voz que se adivinha ser altissonante, e que, embora proviesse de origem erudita, não deixava de ser humilhante:

‘Perdeste os cornos?’ é uma questão
A que parece fácil responder;
Pois se os tens acabou-se a discussão;
Se os não tens... isso foi por os perder.

Uma sucessão de quadras em verso decassílabo explora a ousadia de tal prática,

Eubúlides, o Grego, provocou,
Mesmo àquela distância de Mileto,
Naquele ano distúrbio que abalou
Todos. Ninguém gostou desse amuleto,

Ser enfeitado, mesmo com sofismas,
Contraria o carácter português.
Fantasiado o delito, há sempre prismas
Por onde se abre o drama dos porquês.

Em todas as idades litigioso,
Um drama complicado entre os que o são,
Sem termo e conclusão de contencioso,
Porque todos desejam ter razão.

E do sofisma ninguém mais se lembra,
É o boato que tem o seu favor,
O dissídio ganhou, ninguém relembra
A praxe, num *Cornutus* vencedor.

Apontando para as consequências que derivavam de tal prática, acrescenta, em tom judicioso, que, no meio de tanta brincadeira, ficavam sempre a pairar no ar as suspeições. A paródia passava e, com o tempo, até caía no esquecimento, mas o desconforto do labéu perdurava e incomodava, acabando por sair sempre ganhador.

Outro momento deveras caricato é a história que recorda nos três sonetos que, com o título geral “Santa Clara e Fátima”, dedicados à memória do Professor Sílvio Lima, dão conta do inopinado e sentencioso diagnóstico de um tenreiro da feira de Santa Clara de Coimbra, perante a súbita e crescente redução de peregrinos que costumavam acorrer em massa ao túmulo da Rainha Santa. A feira tinha-se transformado num deserto, o que provocou desânimo e irritação nos feirantes, tendo um deles, mais agastado, desabafado o seu desalento ao Pro-

fessor Sívio Lima que por lá andava, denunciando com firmeza a concorrência que estava a dar cabo do negócio, nos seguintes termos: «'Foi Fátima. Durante todo o dia / Ela levou-nos toda a freguesia, / É o Diabo, não é Nossa Senhora!'» O espanto do professor, perante tão inesperada e desassomburada conexão, não o deixou sem reação. Apesar do seu bem conhecido ceticismo religioso, ainda argumentou que tal explicação não possuía qualquer consistência: o Diabo não se faria passar pela Senhora de Fátima, pois o Diabo era macho e não mudava «de figura e cor, / Por vulto da Senhora ou igualado». Porém, o experiente professor de psicologia ficou totalmente sem réplica para a achega que em reforço do feirante lhe assegurava: «- 'É que o Diabo muda quando quer', // Replicou uma velha prontamente, / Que julgo fez calar o nosso Lente». A emergência de um novo e poderoso centro de devoção na Cova da Iria estava a afastar os peregrinos de Coimbra, provocando sérios contratemplos no comércio local. As razões mais genuínas e convincentes do protesto nasciam assim espontaneamente e pareciam irrespondíveis, perante os efeitos da mudança que deitava por terra o ganha-pão que as crenças instaladas sustentavam.

Ainda neste ambiente de exploração do caricato de situações triviais que dão um colorido garrido à vida de todos os dias, cabe lembrar, entre outros casos mais, o desabafo do professor-gestor universitário, saturado com a rotina que todos os anos obrigava a estender a mão ao Ministério para pedir reforço do orçamento, que sempre teimava em deixar sem provimento iniciativas para acudir a programas sociais. A experiência de longos anos em vários pelouros da universidade fez-se também à sombra da insensibilidade de uma tutela que, longe da vista e dos problemas, tudo decidia por meio de um algoritmo sem rosto. Perante o constrangimento que anualmente se repetia, em despachos que, com erros ortográficos à mistura, deitavam por terra os mais altos propósitos de apoiar os estudantes, o poeta ergue a voz para protestar contra a engrenagem estatal:

Não votei nas recusas de Lisboa,
Nem por puristas armados em arqueiro.
Deferir é sinal de uma alma boa,
E não de ditador ou de porteiro».

“Higiene, sim – mendicidade, não!”

O cultivo da poesia abriu espaço à distensão da personalidade concentrada de um professor com perfil austero que, na proximidade que cultivava com os seus alunos, impôs sempre a regra de deixar de fora a futilidade, a conversa fácil e o improvisado, encaminhando os seus relacionamentos para temas de análise que acrescentassem valor formativo, suscitassem ponderação argumentativa, permitissem o enquadramento doutrinário, explorassem o suporte bibliográfico, com aquela

proverbial disponibilidade que não atendia a horários. Com este tipo de poemas revela-se uma faceta do mestre, não de todo estranha dos mais próximos, que cultivava com particular prazer a exploração do inesperado burlesco das situações.

2. Uma segunda dimensão a atender na obra poética de Gustavo de Fraga diz respeito à exaltação lírica da natureza e ao amor, muito cantados nos poemas da juventude, com as cores carregadas do simbolismo do seu poeta de eleição, Roberto de Mesquita, e a leitura do *Só* de António Nobre, que o convívio com Egito Gonçalves fez incluir entre as suas leituras prediletas, conforme dá conta no prefácio a *Remos Partidos*, de Lopes de Araújo.

Num soneto, publicado em *Miscelânea*, o poeta põe a circular aromas de alecrim com a brisa que corre por entre canteiros de flores e sente-se tocado pela proximidade de todas essas fragâncias, que lhe falam dos seus desejos por cumprir:

Ouço a linguagem pálida das flores
E entendo seus murmúrios delicados,
Vozes das coisas que minh'alma sente:

Loucas Ofélias, trágicos amores,
Beijos que nunca mais foram trocados
- Os sonhos doutra idade sempre ausente.

“No jardim”

A vivência do amor, no último terceto, aparece surpreendentemente marcada por um passado que se não cumpriu, em que a natureza, como depois também o poeta, acabam vivendo um presente preso à saudade de um passado que se recusa a alimentar os sentimentos e emoções de um presente vazio, porque repleto de ausências. Nas quadras que publica na *Miscelânea*, a natureza mostra-se também preenchida por uma presença feminina, diáfana, intocável, longínqua, que os olhos vislumbavam entre as ramadas do arvoredo, e sempre de partida, como podemos ver a seguir:

Pus-me a olhar o céu distante
Dentre as flores do jardim;
Ó meu amor, em teus olhos
Os meus descansam enfim.

Tu sozinha vais partir,
Doira-te os passos a aurora,
E risonha a alameda
Teu busto frágil namora.

(...)

Fico a olhar-te e te diviso
Entre as sombras do arvoredó:
Teus olhos, duas violetas,
Dizem-me adeus em segredo.

(...)

Ó noite triste, inviolável,
Em que chora a solidão,
Eu entendo a tua voz,
Tu ouves meu coração!

Pelo campo passam hinos,
Penso em ti, ó meu Amor!
São mais belos que as estrelas,
Os teus olhos negros, flor!

No firmamento estrelado
Dois olhos tristes erravam...
Brilham na noite fugazes
Dois olhos que os meus buscavam.

“Canção de amor”

O amor parece estar sempre do lado de fora do presente, entre o passado feito de olhares distantes e furtivos e um futuro que só recorda a saudade do que já passou. A mesma distância sonhadora separa do amor o poeta que canta uma mocidade iludida e revive saudades de um sonho perdido, de que nada parece ter restado, conforme expressam dois tercetos de um dos sonetos dedicado a Schubert:

Ó minha morta e triste mocidade,
acorda do teu sono e, na saudade,
revive agora o sonho que perdeste!

Ai! Mas dentro de mim tudo morreu, tudo
o que adorei, fantasma negro e mudo,
sem asa de ilusão que inda me reste!

Aparentando uma experiência de vida que a idade do poeta só na sua imaginação poderia reviver, o presente mostra-se repleto de abandono e tristeza, esperando, apenas, poder um dia encontrar alegria, se for ouvido por aquela que se mantém distante:

Quando me lembro que, talvez, um dia,
hás de poisar teus olhos nestas linhas,
sinto inútil a vã melancolia,
que nos meus olhos tristes adivinhas.

“Incompreensão”

No presente, tudo parece resumir-se a «chorar essa saudade / de um outro olhar que outrora me sorriu», e o poeta vive possuído pela mágoa persistente que o faz ser na mocidade «romeiro da triste soledade», como diz em “Encantamento”. A ausência do olhar, que, no soneto “Incompreensão”, um dia o arrebatou e prendeu o coração, deixou a sua «mocidade triste e fria», com todos os sonhos e esperanças por cumprir.

Noutros poemas, no entanto, a triste solidão do autor partilha do ciclo que faz nascer e declinar a natureza. A sua mocidade torna-se invernososa e os gritos da paixão «transmudaram a verde primavera / em roxo outono de forçada calma». Sente-se atormentado e com o coração em brasa, «onde jamais se acalma / uma ânsia tormentosa» que desfigurou o mais profundo do seu íntimo «em que morou a vida ativa e são», diz em “Contra natura”. Prolongando os sentimentos mais íntimos e espontâneos, o poema “Aspiração” dá voz à nostalgia de um estilo de vida que corria límpido e sereno, sem o sobressalto de imprevisíveis alcantis, ao contrário do que agora leva, atormentado de dúvidas e envolto em trevas:

Aspiração

Dentro em mim ouço, em lúgubre lamento,
o entrechocar de ignotas tempestades:
rugir carnal da noite das Idades,
eco de portas a bater ao vento...
Feras na selva a uivar, em desalento,
coros ao luar... imensidades...
tristezas doloridas... ansiedades
do vácuo hipnotizante, estranho e lento.

Manhã do ser e sensações primevas...
Mistério do não-ser, noite de trevas,
quimeras, astros vãos de rumo incerto...

Quem dera ser a sombra do que fui,
sombra da noite que a manhã dilui,
esfinge muda a meio de um deserto...

As cores carregadas da inquietação irrompem e envolvem o poeta, instalando à sua volta um ambiente dominado pelas tonalidades sombrias da dúvida e da incerteza, muito em sintonia com a atmosfera pesada de alguns sonetos de Antero. O soneto “Inconsciente” agudiza o drama de um eu cindido, em permanente desassossego e sem nunca se reencontrar, mergulhado numa tortura metafísica que o persegue:

Inconsciente

Persinto à minha volta a sombra vaga
de um tenebroso alguém que me persegue:
lenta e confusa, dentro em mim divaga
a sombra de uma sombra que me segue.

Por mais razões que ao coração alegue,
ao coração que sente e não indaga,
minha alma vagabunda não consegue
vencer a sombra que arde e não apaga.

Misto de velhas ânsias torturadas,
angústias do porvir e alvoradas
de novo ardor e novo sentimento...

... Mas tudo! Tudo, ó sombra vaporosa,
tu ocultas, miragem enganosa,
ao fulgurante olhar do pensamento!

O contraste entre razão e sentimento, que a leitura de Antero teria posto a descoberto, emerge como tema que absorve e lança o poeta no caminho da experiência de uma síntese impossível, incapaz de fazer afinar o sentimento pelo tom

grave e claro do pensamento, como deplorava o poeta dos *Sonetos*. Gustavo de Fraga, nos poemas de juventude, faz eco da desarmonia entre estas duas dimensões da alma que a dividem num conflito íntimo que não se extingue. No poema “Plenitude” chama o coração de «falso profeta» e a razão de «alquímica exegeta»; mas na “Última quimera” fala da secura e do vazio da alma «quando morrem as grandes ilusões». Os clamores da razão não apagam as ansiedades da alma, que fica despojada e sombria sem as «grandes ilusões»: estranha «lembração doutras vidas». Quando a vida se agita de esperanças e saudades, a alma vive em plena primavera e «não há versos que possam descrever, / nem lágrimas que façam esquecer / a tortura da última quimera». Em *Rogai por Nós*, o poema “Poesia e Filosofia” não refere de forma diferente este persistente distanciamento que torna inacessíveis os *frutos da verdade*. Não nos é dado saborear os frutos repousantes que colhemos no caminho, e está-nos também vedado «contar a última experiência» de um conhecimento que permanentemente se reassume e remete para fora e mais além de si mesmo. Será este o desafio do «grande Incognoscível» de que fala o poema “Filho pródigo”? Seja como for, o que ressalta é o arrebatamento pela viagem que lança as almas inquietas num «caminho incógnito, sem fim». O poeta pede para partir, mas que não chorem por ele, porque vai confiante, atraído pela chamada do «fantasma do Além» e equipado apenas com as próprias forças. Não transporta consigo armaduras de guerra para travar os combates desferidos pelas investidas da razão, mas parte munido de «sândalo e mirra e mais perfumes, / para que incense pela noite os lumes, / que pelos céus além Deus espalhou...». A opção faz-se pela aventura da viagem, na espera da descoberta do que se revelar, e a que o poeta mostra a disposição de se render, desde logo, cheio de encantamento, queimando aromas!

3. As últimas coletâneas de poemas acolhem o irresistível desejo de «Exaltar a razão, honrar a fantasia, / Sem destruir o sonho eterno que venero», como escreve em “Poesia e Filosofia”, de *Rogai por Nós, Pecadores*. Pelos trilhos da filosofia e da poesia, vai erguendo abrigos que o protegem das investidas das suas inquietações, na esperança de suster o desgaste invencível do devir que, dia a dia, atira para mais longe, sem piedade, a *verdade* que sempre lhe fogia. No horizonte dos oitenta anos, dias em que «As Primaveras morrem, os Outonos nascem, / Tal como as flores sempre morrem e renascem», o poeta abre-se à meditação da tragédia do Calvário e, em “A Tragédia e os frutos da Verdade”, deixa-se surpreender pela pergunta: não será nela que reside o passo «Indispensável, único, para este abraço / Entre sentido e ser, que cria a realidade?» O drama da Paixão apodera-se, perturbador, do seu coração inquieto e revela-se mesmo como a porta de acesso ao mistério de Deus. Nele se manifesta plenamente o que a razão sempre deixa por dizer, mas que os murmúrios do coração, falando em segredo, fazem transparecer pelas vozes da poesia.

O percurso que, durante décadas, levou o filósofo a confrontar razões e aprofundar ideias não apaziguou o persistente empenhamento que pôs no debate do problema de Deus, em tantas passagens da sua obra filosófica. «Porque a fé, no meu coração guardei-a», declara o poeta em “Visita a Jesus”, mostrando que não esmoreceu nele a esperança de cingir o enigma insondável, que sempre escapava pelas malhas que os discursos filosóficos teciam: «O divino fenómeno não existia / No percurso da ideia que se prova e há de / Querer fugir sempre à vil realidade», diz em “O divino fenómeno”, que termina exaltando a ressurreição de Cristo, certeza luminosa de que Deus existe.

O caminho da arte e da poesia revelam-se inspiradores a Gustavo de Fraga, que recorda, na *Balada*, a experiência que viveu em Paris, num concerto de Beethoven, em Notre Dame: «A poesia da música, no sonho, flui, / E as almas de Infinito nos perturba e invade». Evoca, a propósito, a reação de um colega, sem experiência religiosa, que o acompanhava e foi invadido pela atmosfera musical que preenchia a majestosa catedral. A serenidade do ambiente não deixava ninguém indiferente, suscitando a exclamação do poeta:

Música de Beethoven, música e poesia
Que vão crescendo à luz de lâmpadas divinas,
Vais refletindo em nós a luz de um Pai que guia,
Aos poucos vais mudando os corações que minas!

“Música de Beethoven na *Île de la Cité*”

Também os poetas açorianos Roberto de Mesquita e Antero de Quental, que tanto o entusiasmaram na mocidade, surgem como «marcos que indicam a viagem» que nos torna reféns de um «Deus evanescente que fala aos homens», refere na *Balada*, no segundo soneto intitulado “Ser e Ter ou hora das Ilhas”. E lembrando aqueles que, no desalento da sua solidão, reclamam não terem sido tocados pelo dom da fé, ou ainda os que, no rigor das suas demonstrações, esgrimem argumentos «sobre o vazio do infinito abismo», convida-os, à maneira de Agostinho de Hipona, a afastar o olhar das pesadas cadeias argumentativas que a razão vai entrelaçando e a dirigi-lo antes para a «Luz Oculta» que ilumina os corações:

O mistério de Deus na lei do Amor
Manifesta o Absoluto aos corações
Acima de quaisquer demonstrações,
Pode bem concluir-se sem favor.

“Um Deus que fala aos homens”

A poesia não se mostra indiferente aos batimentos do coração, com quem partilha angústias e perplexidades existenciais, e, na etapa final da vida, torna-se novamente caminho de acesso à colheita dos *frutos da verdade*, na expressão do soneto de Antero, “Disputa em família”, que Gustavo de Fraga tomou para epígrafe do soneto que compôs com o título “A tragédia e os frutos da verdade”. Nele se dá testemunho do ânimo revigorado que o faz regressar à ingente tarefa de lançar as redes da inspiração poética, para assim continuar «de hora em hora Deus a construir».

A falta de vigor que os esforços da razão revelam deixa caminho aberto à esperança de que as artes o façam nascer, e assim anima o propósito do poeta de cercar pela mão da poesia o mistério de Deus, que «jamais se cansa / De dar alívio aos corações», escreve no poema “Depois de ler Roberto de Mesquita, mestre da poesia”, que faz parte da *Balada*. A par de outros poemas dispersos, a secção intitulada “Gólgota”, de *Rogai por Nós, Pecadores*, é toda preenchida de poemas muito centrados na esperança redentora que uma meditação cristológica poderá oferecer. Transparece no seu conjunto o impulso de adesão à pessoa de Cristo, muito condizente com a exortação das cartas paulinas, e que, decididamente, passa ao lado da fria contaminação provocada pela especulação metafísica ou até mesmo teológica. Porventura, poderemos conceder algum lugar, no quadro das referências inspiradoras de Gustavo de Fraga, ao acolhimento de livros de espiritualidade que dispunha em seu redor, mas, seguramente, não esqueceremos todo o seu percurso na filosofia que vemos a convergir nesta direção. A epígrafe que o poeta tomou de Karl Jaspers, para dar o mote a este conjunto de poemas não ilude o esforço final de humanizar o carácter impessoal da razão pelo fluxo da história. O centro é insistentemente colocado na contemplação do drama da Paixão que, revelando «claro aos homens desde então / Quem fora sempre Deus», pôs de parte as vozes impessoais do argumentário da filosofia e da teologia para dar lugar a uma meditação que a razão agora ergue a partir da História, humanizada pela fé.

Em “Gólgota”, como já referimos, vários poemas exploram, a pretexto de temas diversos, a tragédia em que, como Gustavo de Fraga diz na “Antígona”, «Cristo deu a vida ao Pai»: o passo seguro para aquele trânsito «que aguardava a aparição de Deus», esclarece em “Deus e a ideia”. Como avança noutro soneto, o drama da Paixão não constituiu uma tragédia estranha, imposta a partir de uma vontade alheia. Pelo contrário, procedeu de um querer inalterável que não deu lugar à recusa:

Quando a alma viu Cristo, de luz cheia,
Viu Deus como a Existência o requeria,
Não como a essência a um Querer alheia,
Mas Desejo que dentro em nós crescia.

“Visita a Jesus”.

O Deus dos sábios e dos filósofos, que em “Deus e ideia” se apresenta como «a Ideia, o apenas pensado», o Deus alheio ao fluxo da história, que a razão forjou como causa primeira, resultou «No monstruoso Ser que a todos perverteu», esclarece, a seguir, em “Sagrada Família”. É uma entidade metafísica que traz frio o coração, mas que na poesia cede o lugar ao Filho que «não foi um produto de demonstração, / Chegou à existência pelo coração», para assim nos ensinar «Quem era Deus».

Movido pelo desejo crescente de chegar mais perto do mistério, nos dois sonetos “Sobre uma recordação de Velázquez”, o poeta diz terem sido múltiplas as imagens que fez de Cristo, incompletas, certamente, mas todas no caminho do encontro que sempre lhe fogia. Quem poderá dizer «Que por si são falsas as imagens?», pergunta cheio de convicção no que elas lhe iam dando a perceber. O Cristo de Velázquez, «Pintura de Madrid, serena e altiva», não mostra o «Cristo errado, que só é dor», e o poeta exalta a placidez escultural de um corpo esbelto, levantado na cruz sem os esgares que habitualmente retratam o sofrimento. A contemplação estética conduz ao reconhecimento de um queer que se afirma, incondicionalmente, na decisão de assumir a morte trágica, para que o plano de Deus se cumprisse: mostrar em Cristo o «Deus visível», que assume a tragédia não como vítima, mas como projeto de redenção.

Impossível não pensar em *El Cristo de Velázquez*, obra-prima da criação poética de Unamuno, publicada em plena maturidade do autor. As afinidades saltam à vista, não só no fascínio pela expressão plástica da cativante beleza apolínea do corpo diáfano do Crucificado, numa luminosidade pálida em fundo negro, mas também pela fixação no ímpeto meditativo que guia a sua contemplação. Impressiona no quadro de Velázquez a ausência de sinais sofredores resultantes dos padecimentos da paixão e da agonia da morte cruel, em contraste com a índole trágica que é sinal distintivo do sentimento religioso do povo espanhol, mais inclinado para o padrão iconográfico dos Cristos agonizantes. Emana do Cristo de Velázquez um movimento de transcendência que não nos deixa fixos nas sucessivas componentes plásticas do quadro em que o poema se vai detendo, mas nos encaminha para a visão reveladora: «la divina esencia, / la humanidad de Dios, la que del hombre / descubre lo divino» (I, VII). Unamuno encontra na obra do pintor andaluz do século XVII o ponto de passagem para a meditação do mistério do Cristo-Homem, espelho da luz divina «por quien Dios es algo» (I, VI). A claridade ebúrnea do corpo do Crucificado mostra-se comparável à da lua, reflexo vivo da luz do astro-rei e, por isso mesmo, representação viva do Deus oculto. Uma sequência de paralelismos e imagens desencadeia a sugestão emotiva ao culto do Deus-Homem, que une o Céu e a Terra: «Destapaste a nuestros ojos / la humanidad de Dios». Pelo drama do Gólgota e o triunfo da ressurreição, a brancura macilenta do Cristo de Velázquez exhibe o brilho ameno da luz lunar que, na nossa noite sombria «cuenta que vive el sol» (I, VII).

Numa sucessão de imagens, metáforas e metonímias, que a fulguração poética torna cintilantes, o poema de Unamuno faz desfilar um rosário de sugestões que, partindo do assentimento voluntário ao desígnio da Cruz, tocam o coração e o sentimento das pessoas, num encadeado de intuições que progridem sem a cadência imposta pelo ritmo compassado da argumentação lógica. O fervor religioso sobrepõe-se aos enunciados que a teologia vai tecendo, mantendo-se animado pelo fascínio extasiante do clarão da intuição e o ardor das imagens. Certamente que a reflexão cristológica de Unamuno integra uma prolongada e profunda meditação, estudo bíblico e todo um amadurecido pensamento, exposto em várias obras, em que a Paixão de Cristo foi colocada no centro do cristianismo, em associação com a crença na ressurreição e na imortalidade, como expõe em *Del sentimiento trágico de la vida*. O tema é recorrente na obra do autor espanhol, como aparece enunciado, por exemplo, no terceiro capítulo de *La agonía del cristianismo*, na afirmação lapidar de que a «cristandad fue el culto a un Dios Hombre, que nace, padece, agoniza, muere y resucita de entre los muertos para transmitir su agonía a sus creyentes». O poema de Unamuno é, em suma, o desdobrar de sugestivos quadros que, muito para além de qualquer empreendimento doutrinário, inflamam a chama do sentimento religioso, que arde mortíça com o ar rarefeito soprado da teologia.

Os poemas de Gustavo de Fraga partilham esta atmosfera propícia a uma aproximação à ideia de Deus que perde vigor quando a razão se alheia do «movimento no tempo», como exigia a epígrafe de Karl Jaspers. A via da metafísica clássica trilha um caminho solitário e pedregoso, seco e árido, e os que se limitam a fazer o seu percurso não transportam a fresca revigoradora dos ventos da história. A razão torna-se, por isso, como lembra a epígrafe de Jaspers, abstrata ou impessoal, a reclamar o fluxo do tempo para se tornar humana ou, se quisermos, existencial. Este segmento da poesia de Gustavo de Fraga abre-se à experiência regeneradora de uma razão existencial que sabe interrogar e ler a história. Longe de se circunscrever a uma religiosidade intimista e desprovida de discernimento, ela brota de um debate prolongado com o sentido teleológico do homem e da história, apoiada no estudo e meditação de vários filósofos, antigos e contemporâneos.

A meditação sobre o fim da história não nos limita à sucessão dos acontecimentos: remete-nos para além deles e conduz-nos a enfrentar o permanente desafio de descobrir a ideia orientadora que nos guia na «tarefa indefinida de constituir uma *humanidade de razão*», escrevia Gustavo de Fraga no final de *Fenomenologia e Dialética*. A abordagem que faz da visão da história de Dilthey, que situava nas concepções do mundo e nas motivações das criações humanas a unidade do devir temporal da vida, aproxima Gustavo de Fraga da recusa de Husserl em tomar o fluxo da história como dado último. Para o fundador da fe-

nomenologia, a mudança no tempo não traz no interior o seu próprio princípio, mas remete para fora da corrente temporal. A confiança que o homem ocidental colocou na operatividade que os procedimentos racionais asseguram tem vindo, desde a Antiguidade, a colocar sob tutela da razão o conhecimento da realidade exterior e a norma da ação humana, individual e social. O reconhecimento da superioridade dos critérios que a razão é capaz de firmar, quer a nível teórico, quer também a nível da condução do agir, coloca sob a unidade da razão a acreditação não apenas do conhecimento teórico e especulativo, mas também do que tem em vista orientar a vida individual e social. De forma oculta, princípios primeiros, indemonstráveis, dados na imediatez de intuições últimas, conduzem a marcha da argumentação que se trava a diferentes níveis, incluindo da ação humana nas suas diferentes dimensões. A sustentação que a razão confere às ciências humanas, em particular à história, põe a descoberto as luzes de «um destino a que não nos podemos furtar», abrindo-nos, no limite, a «uma teoria do Absoluto» que, em *De Husserl a Heidegger*, Gustavo de Fraga, com outros autores, reconhecia ser «um ‘existencial’ do homem moderno».

O tratamento poético da temática religiosa compreende-se na continuidade do que a obra filosófica debateu, conferindo-lhe apenas uma nova expressão que dá voz a uma mundividência muito centrada na figura de Cristo, momento único da história em que o Absoluto dos filósofos ganha um rosto e se dá a conhecer. Os poemas agrupados em “Gólgota” não deixam de enfrentar a questão do fim da história a partir de uma vivência religiosa, muito tecida de imagens e sentimentos, mais do que de razões. Tudo se esclarece e ganha sentido na dialética improvável entre o infinito e o finito, o absoluto e o relativo, o divino e o humano, pela transfiguração que opera na existência: «Passar pelo finito a Deus foi necessário / Para existir, para conosco entrar na história», afirma em “Meditação sobre a Graça e o Reino”.

A expressão poética cultivada e partilhada pelo autor, no final da vida, com um indisfarçável entusiasmo, que muitos acompanharam, não deixa de constituir o assumir de uma tarefa que faltava à sua obra, dando acabamento ou remate à “construção” de Deus, tarefa a que dedicou muitas passagens da sua obra filosófica. O passar do tempo tornou imperativo atar o laço das cadeias que ligam a razão, o sentimento e a fé, fazendo a meditação sobre Deus descer dos enunciados que a análise ia construindo, para assentar no querer incondicional de Cristo em aceitar o drama da Cruz, em que «os frutos da verdade» se dão em alimento:

Cristo na cruz, a morte poderosa,
A morte que revela Deus por fim
Numa existência própria, no querer.

Cristo tranquilo e não a revoltosa
Mágoa contra o Supremo Ser. Enfim,
Da morte nasce Deus e o Seu poder.

“Sobre uma recordação de Velázquez”

A paixão de Cristo é lida no quadro de Velázquez não como o culminar de um suplício atroz, mas como «A morte que revela Deus (...) e o Seu poder», em que, tal como salientámos atrás, o brilho pálido da lua, que a pintura faz transparecer no corpo do Crucificado, é o reflexo da luz do sol. A placidez do seu corpo mostra a recusa da revolta, que a interrupção de um projeto individual poderia alimentar, e transmite a total entrega à missão indeclinável de dar a conhecer ao mundo o poder incondicional do amor de Deus:

Por mais que penses, Cristo e o Seu Querer
Mudaram tudo, a Deus deram sentido,
Que todos nós herdamos e persiste.

“Visita a Jesus”

A mediação de um Cristo, que traz Deus ao mundo «para conosco entrar na história», é a prova única e irrecusável de que «deu vida a Deus pela Cruz / E no querer salvou-te então, a ti e a mim». Ganha assim todo o sentido a asserção, em forma de apoteagma, em “Meditação sobre a Graça e o Reino”: «Não. Deus não está longe, se Cristo existiu».

*

Em toda a poesia de Gustavo de Fraga deparamo-nos com a exploração do interior mais recôndito da alma humana que dá conta de um mundo idealizado de vivências românticas, sensíveis às sintonias do amor com a natureza e aos sentimentos sofreadores dos humanos, que mantêm distantes tantos sonhos em vão sonhados. Todavia, o teor intimista dos poemas da juventude ganha outra espessura nos poemas do período final da vida do autor, de modo particular em *Rogai por Nós, Pecadores*, que elege a temática religiosa como centro da sua permanente atenção. O intimismo destes últimos poemas não responde a propósitos de cariz romântico onde os meandros das paixões se mostram em múltiplos desencontros que se recordam. A experiência interior é refletida nos poemas, não para deleite ou mera curiosidade de uma imaginação fértil e criativa, mas para mostrar um mundo que a filosofia percebeu sem ter conseguido apreender,

mas não deixava de fustigar os sentimentos mais genuínos do autor. No outono da vida, a filosofia era ideia morta que de nada lhe servia para dar expressão ao «sonho eterno que venero», diz no “Divino fenómeno”. Porém, não poderemos ler precipitadamente neste desabafo a rejeição de todo um percurso de vida. Em “Poesia e Filosofia», o poeta diz não querer separar nesta caminhada a razão da fantasia, mostrando, assim, que a poesia não se apresenta como oposto à filosofia, mas antes como um domínio que lhe dá continuidade e a completa, porque vai mais longe nas imagens que sugere e nas paisagens que desvenda. Desta forma, o recurso à poesia não parece perfilar-se como uma negação hostil à filosofia, apesar do desencanto que ela possa provocar por causa do andamento compassado que imprime aos seus percursos. Pelo contrário, a poesia vem em apoio da razão como sendo aquela outra asa que dá leveza ao espírito humano para se elevar à indagação do inefável. Ela marca o «Regresso ao Verbo que ninguém ilude, / Ao Eterno, que tudo dá sem preço», confessa na *Balada*, no poema “A Nossa Senhora da Esperança”. A poesia é outra forma, talvez mais depurada, de dar expressão ao que a discursividade racional se esforça por apreender, mas sempre deixa de fora, o que dá sentido ao desabafo do poeta:

Nesta tarde de Outono crescem os meus anos,
Mas castigado não morreu nosso Desejo,
Que na Poesia busca sentido e expressão.

“Eros finito”

Referências bibliográficas

- FRAGA, Gustavo de, *Rogai por Nós, Pecadores*, Ponta Delgada: ed. do autor, 2003.
- FRAGA, Gustavo de, *Balada para Joana Margarida*, Ponta Delgada: ed. do autor, 2001.
- FRAGA, Gustavo de, *Hora de Rondas – Poemas*, Ponta Delgada: Gráfica Regional, 1943.
- FRAGA, Gustavo de, vários poemas, em Carlos Tomé (ed.), *Miscelânea de Prosa e Verso*, Ponta Delgada: 1943.
- FRAGA, Gustavo de, *Fenomenologia e Dialética*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1972.
- FRAGA, Gustavo de, *De Husserl a Heidegger. Elementos para uma Problemática da Fenomenologia*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1966.
- BRANDÃO DA LUZ, José Luís, «Gustavo de Fraga e a questão de Deus», em *Os Açores na Filosofia e na Cultura. Estudos II*, Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2022, pp. 245-275.
- CÂNDIDO PIMENTEL, Manuel, Amaral, Carlos E. Pacheco e Epifânio, Renato (coord.), *Gustavo de Fraga: Pensamento e Obra*, Lisboa: MIL (Movimento Internacional Lusófono), 2017.
- MEDEIROS, Emanuel Oliveira, «Filosofia e cultura no pensamento e obra do Professor Doutor Gustavo de Fraga», em *José Enes e Gustavo de Fraga. Pastores da Verdade na Luz do Ser*, Lisboa: MIL (Movimento Internacional Lusófono), 2018, pp. 39-58.
- UNAMUNO, Miguel de, *La agonía del cristianismo. Mi religión y otros ensayos* [1926], Madrid: Editorial Plenitud, 1967.
- UNAMUNO, Miguel de, *El Cristo de Velázquez – Poema* [1920], Madrid: Espasa-Calpe, 4.^a ed. 1967.
- UNAMUNO, Miguel de, *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos* [1913], Madrid: Alianza Editorial, 2005.

Edição do

